

“E VÓS RIDES?”: A DEMONIZAÇÃO DO RISO NA LITERATURA PATRÍSTICA MEDIEVAL, SÉCULOS III E IV

Pablo Michel Candido Alves de Magalhães
Graduando em História pela Universidade de Pernambuco (UPE)
E-mail: russo_urbano@hotmail.com

Palavras-chave: Riso. Literatura. Patrística. Igreja.

O riso: ética e moral

O homem é o único animal que ri. Essa é uma famosa proposição aristotélica que reflete sobre esse ato natural e aparentemente inofensivo: o riso. E por que gastar linhas divagando sobre algo tão simples, tão insignificante, tão corriqueiro no nosso dia-a-dia? Todos rimos, em momentos diversos, sob sentimentos diversos: ri-se por ocasião do nascimento de um filho, ri-se de êxtase quando conseguimos o que queremos, ri-se do nosso próprio choro, ri-se do nosso próprio desespero. “O riso é onipresente na publicidade, nos jornais, nas transmissões televisivas” (MINOIS, 2003, p. 15). Entretanto, se encararmos o riso como material para estudo da história do pensamento, nele podemos descobrir uma importante manifestação cultural, política e ética.

Mas, qual o espaço, na História, para o risível? Qual sua relevância para a compreensão da História? “Em princípio, o riso é um ato fisiológico, resultante da contração dos músculos faciais de acordo com a oscilação de emoções ou de abruptas modificações no estado de espírito dos indivíduos” (MACEDO, 2000, p. 22).

Considerando-o como traço coletivo, o riso pode demonstrar o comportamento numa sociedade, o que é aconselhável e o que é condenável num grupo; práticas comuns. Mais ainda: o riso não está sempre ligado à liberdade de um indivíduo, à sua alegria, à sua diversão, tal qual consideramos hoje, em nossa sociedade.

O riso é ritual, é usado em momentos certos e, dependendo do grupo social e de seu tempo, pode revelar sentidos muito diversos. “O problema [...] não é o riso em si, mas o que ele pode revelar ou ocultar” (MACEDO, 2000, p. 23).

Na antiguidade, podemos identificar o riso associado ao sagrado, à perfeição do deus criador, que através do riso emana a vida e cria o mundo. Deus, o Único, qualquer que seja seu nome, é acometido – não se sabe porquê – de uma crise de riso louco, como se, de repente, ele tivesse consciência do absurdo de sua existência (MINOIS, 2003, p. 21).

O riso exprime o caos antes da organização da vida; uma desorganização antes do estabelecimento da ordem da criação divina. Quando não personifica um deus em especial, reconhece-se o riso como atributo divino, uma característica que acaba aproximando o homem de deus. Na tradição egípcia, o deus criador ri, e de seu riso nasce a vida e a ordem natural de todos os seres presentes no universo. É esse o Caos necessário para a perpetuação da existência que emana do deus criador. “O riso estaria exatamente no ponto de intersecção entre o fim e o recomeço, entre a morte e o renascimento do mundo, da vida e do homem” (MACEDO, 2000, p. 37).

Entre algumas tribos pré-históricas, o riso é associado à fertilidade, aos tempos de colheita. Caçadores riem, em ocasião da morte de um animal, para que a vida se renove posteriormente, e não falte o alimento em dias futuros para os seus.

Entre os gregos arcaicos, o riso está presente na mitologia. É o “riso inextinguível dos deuses” de Homero, um riso que escarnece dos inimigos, e ao mesmo tempo é um riso que apazigua, como o riso de Zeus que acalma Artémis, quando é vencida por Hera. É esse riso doce e violento, ameno e zombeteiro, “inextinguível”, que está intrinsecamente ligado à natureza divina, que marca uma diferença e, no mesmo momento, uma semelhança entre os imortais e os humanos: “a criança só começa a rir no quadragésimo dia depois do nascimento, momento em que se torna pela primeira vez um ser humano” (BAKHTIN, 2008, p. 59).

Com propriedades renovadoras e regeneradoras, o riso está presente nos rituais agrários de fecundidade e virilidade do mundo romano, tais quais as *floralias* de abril. Nas festas em homenagem a Dionísio, a libertinagem, bebedeira e o riso ritual eram liberados, e procissões carregando falos gigantes faziam parte dessa tradição; as *Saturnais* e *Lupercais* romanas comemoravam a renovação das estações e a fertilidade e abundância da terra num grande banquete onde não era permitido “não” rir nem se eximir de tomar parte dos festins, que permitiam toda e qualquer brincadeira licenciosa, orgia de grosserias cômicas, legitimada sob o véu da brincadeira e do lúdico.

O riso das festas é manifestação de um contato com a esfera do divino. É um retorno ao Caos, à desordem, para a restauração da ordem natural, à semelhança da criação do universo.

Do “riso inextinguível divino” ao “riso diabólico”

Rir e regozijar-se com o século não é coisa de homem sensato, mas de um frenético (SÃO JERÔNIMO, 347-420).

E como, de traço marcadamente divino, veio o riso a ser associado com Satã, o opositor demoníaco, no cristianismo? Como o símbolo, que até então representava a vida e o nascimento, passou a ser associado ao maligno, a queda, a danação?

Para os pais da igreja, o riso presente no culto aos deuses pagãos é ligado ao escárnio maligno do Demônio e é, antes de tudo, característica do homem após cair em tentação e ser expulso do paraíso, e por isso não coincide com a obra perfeita produzida por Jeová. Isso tudo, culpa do diabo, sob a forma de serpente. E é essa a associação existente: o riso é procedente do mal, nasce da queda do homem, da sua corrupção. Jesus não ria nunca. A bíblia não diz uma palavra sobre.

Mesmo que o mito de que ‘Jesus nunca riu’ só se tenha desenvolvido no fim do século IV, [...] é preciso admitir que os Evangelhos, os Atos e as Epístolas são muito severos em relação ao riso. Não fazem nenhuma menção de riso em Cristo. Ao contrário, são os adversários que riem: eles zombam dele quando ele afirma que a filha de um notável não está morta, mas dorme (MINOIS, 2003, p. 120).

E Deus não ri, nunca ri. Até mesmo quando termina de fazer tudo e entra num estado de “satisfação”. Riso ou sorriso de satisfação? Ainda assim, a bíblia não fala nada a respeito. Jeová apenas satisfez-se com o que tinha feito e foi descansar.

Com a aceitação do Cristianismo como fé oficial do Império, tão logo os pais da igreja se encarregaram de construir uma ética que regesse os cristãos numa vida que seria, aos olhos do Deus Jeová, reta e digna de salvação. Os Pais da Igreja construiriam as bases da nova religião. Para tanto, o que já existia nos traços dos cultos pagãos deveria ser extirpado do mundo do fiel cristão, já que tais práticas distanciavam o homem da Verdade Divina e da salvação da alma: as festas em homenagem aos Deuses, tal qual a festa a Baco, as falofolias, e principalmente, o riso.

O riso tinha sido expurgado do culto religioso, do cerimonial feudal e estatal, da etiqueta social e de todos os gêneros da ideologia elevada. [...] Tertuliano, Ciprião e São João Crisóstomo levantaram-se contra os espetáculos antigos, principalmente o mimo, o riso mímico e as burlas. São João Crisóstomo declara de saída que as burlas e o riso não provêm de Deus, mas são uma emanção do Diabo; o cristão deve conservar uma seriedade constante, o

arrependimento e a dor em expiação dos seus pecados (BAKHTIN, 2008, p. 63).

Vale ressaltar que, num mundo onde a escrita restringia-se a um pequeno número de pessoas, os gestos eram vistos como “espelhos da alma”. Um exagero nos gestos, tal como o riso provocaria, estaria intimamente ligado a possessão demoníaca. “O riso, portanto, passou a estar indelevelmente associado à falta de pudor, aos cultos idolátricos e ao pecado, o que contribuiu bastante para a desconfiança dos teólogos cristãos em relação a ele” (SCHMITT apud MACEDO, 2000, p. 53).

Mas o Cristianismo ascendente era, apesar de amplamente contra os traços pagãos tradicionais e milenares do mundo ocidental que acabou herdando após o esfacelamento do Império Romano (GOFF, 2005), também assimilador: se não conseguisse destruir algo indesejável, tomava para si, moldava e inseria-o em suas práticas (MINOIS, 2003). Paralelamente a esse fenômeno, os *pagani*, os homens do campo, mantinham cultos relacionados à natureza e aos ciclos de colheita, com mimos e utilização de máscaras, a despeito da ação dos clérigos.

Em face disso, como controlar os gestos para que não se tornassem excessivos, para discipliná-los, e dessa maneira inseri-los de maneira que não ferissem o ideal do bom cristão, ideal esse que necessariamente deveria se distinguir em sua essência dos cultos pagãos antecedentes?

Domar o riso foi questão importante nas reflexões da Patrística.

As medidas do riso de Clemente de Alexandria

Não é porque o homem é um animal capaz de rir que é preciso rir de tudo (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 150-215).

Para Clemente de Alexandria (150–215 d. C.), os que facilmente se entregam a derrisão deveriam ser expulsos do convívio cristão. A bufonaria é algo indesejável, e deve-se evitar conversas que conduzam a derrisão: “É, portanto, uma zombaria procurar fazer rir” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2000, p. 45). As palavras expressam a personalidade do homem, portanto conversas “baixas”, que provocam a derrisão, revelariam o caráter baixo e depreciável de quem as proferia.

Entretanto, Clemente (2000) não acreditava que fosse possível eliminar o riso, a partir do momento que o considerava parte da natureza humana. Seria necessário domá-lo e, na

medida certa, o gesto passaria a refletir o equilíbrio do cristão. Assim como Platão, Clemente (2000) condena o riso aberto, contínuo, associado à natureza “baixa”, aos bufões, um riso que deforma o rosto e está mais próximo das prostitutas e dos tolos. O riso aceitável é o riso comedido, suave, onde harmoniza-se a seriedade necessária com a alegria contida: “No riso deve-se colocar um freio” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2000, p 45). O sorriso comedido é o do sábio, enquanto que a derrisão ruidosa é correntemente conhecida por *kichlismos*, riso das prostitutas, ou *kanchasmos*, o riso dos proxenetas (MACEDO, 2000). Além disso, seria de suma importância que se escolhessem bem os momentos para rir, para que o ato não desgostasse a Deus, e era amplamente reprovável o riso em frente aos mais velhos, a menos que estes últimos pedissem ou provocassem, pois soaria como falta de respeito.

A posição de Clemente (2000) acerca do riso oscila entre aceitação e condenação; entretanto, com tantas limitações, fica aparente a dificuldade que era rir, algo que provavelmente desencorajava quem quisesse praticar o ato.

Santo Agostinho e o riso na pregação

Enquanto estamos nesse mundo, não é tempo de rir, por medo de chorar em seguida (SANTO AGOSTINHO, 354-430).

Agostinho está longe de ser um defensor do riso no mundo cristão. Para ele, o riso é desprezível, apesar de considerá-lo parte da natureza humana: “Nada é mais vergonhoso que um riso que só é digno de zombaria” (AGOSTINHO, 2000, p. 5). Condena, em seus discursos, os bufões que “fazem as delícias das pessoas sensatas” (AGOSTINHO, 2000, p. 35), provocando a derrisão, gesto abominável.

No entanto, apesar de repetir incessantemente que é melhor chorar que rir, Agostinho de Hipona aponta uma função prática para o riso: utilizá-lo, durante a catequização e as grandes palestras, como um artifício contra o cansaço e a distração. Em seu tratado referente à orientação doutrinal, ele aconselha os missionários a utilizar-se de palavras simples e exemplos agradáveis, no intuito de despertar nos ouvintes o bom humor e o regozijo, dessa maneira, evitando a perda de atenção ou o sono e o tédio da platéia (MACEDO, 2000).

Entre seus companheiros, o santo bispo da cidade de Hipona tem uma visão mais moderada sobre o riso e o que se fazer com ele. Ao apontar o riso como ferramenta na catequização e, dessa maneira, arma em favor de Cristo, ele insere o gesto no mundo cristão,

tornando-o não mais algo estranho, mas parte integrante da vida cristã, ou ao menos do dia-a-dia do missionário imbuído de disseminar a palavra de Deus.

Porém, ainda assim, o riso é apenas uma ferramenta para que se possa chegar a algum lugar, e não um fim em si mesmo. O riso de Santo Agostinho é um riso que existe, única e exclusivamente, para facilitar a pregação, e não explosão de alegria diante de palavras ou gestos risíveis, sendo esses condenados por ele ao referir-se aos bufões (MINOIS, 2003). O riso, ainda nessa visão moderada de Agostinho, não passa de mero instrumento, sendo condenável sua prática a bel prazer, indicando dessa maneira luxúria e lascívia.

A repulsa ao riso ou “Quanto mais se troveja, mais se ri!”

E vós rides? (SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, 344-407).

Sem sombra de dúvidas é de João Crisóstomo (344–407 d. C.) as mais duras considerações acerca do riso na esfera cristã do mundo ocidental na antiguidade tardia. Vem do patriarca de Constantinopla, conhecido como “boca de ouro” pela sua inflamada retórica, as proposições mais ardentes contra o riso que, fosse possível colocá-las todas em prática, não seria mais possível ver os dentes da boca de qualquer pessoa. Renegando-se a mencionar os autores pagãos, o severo bispo de Constantinopla dispara truculentos ataques aos costumes pagãos, em especial o riso, pois o riso degrada e arruína tudo. É dele a máxima de que Jesus nunca riu, afirmando que, pelo contrário, o Cristo teria, em um sem número de ocasiões, chorado. E, como Jesus é o nosso referencial, o bispo diz: “Choremos, meus caros irmãos, choremos para que possamos rir e nos divertir sinceramente ao tempo da verdadeira alegria” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 520). Em *O comentário sobre a epístola de São Paulo aos Hebreus*, ele promove uma “esquisita” luta contra o risível, que parece persegui-lo sem trégua por todos os cantos, ecoando como o grunhido de vitória de Satã: “Se alguém pronuncia uma palavra agradável, o riso logo aparece nos lábios dos assistentes e, coisa espantosa, vários continuam rindo até durante o tempo das preces públicas...” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 520). E apesar de tanto trovejar contra o riso, o bispo ainda vê que as pessoas riem! “Mas talvez haja aqui alguns tão devassos, tão efeminados (!), que nossas censuras os fazem rir ainda, pelo simples fato de que falamos do riso” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 520). O santo ainda vê o riso das mulheres na igreja: “Portanto, ó mulheres, por que, se colocais um véu sobre a cabeça desde que tomais lugar na igreja, e vós rides?” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 521).

O riso, em João Crisóstomo, é apresentado como a máxima manifestação diabólica existente, e é esse outro ponto característico sobre sua análise do riso: é incontrolável, imoral, irreprimível. Ele salienta que não é Deus que nos inspira esse gosto pelo divertimento, é Satã. Ao contrário de Clemente, ele afirma que é impossível “domar” o riso sob qualquer hipótese, porque o riso ignora o equilíbrio, a lógica, a sensatez: “Não nos compete passar o tempo rindo, nos divertindo e nas delícias” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 51). Não era nada bom que o cristão se entregasse ao riso, já que havia muitas pessoas rindo de maneira descarada; deve-se chorar, e chorando alcançar a felicidade e a alegria plena. Difícil compreender isso? Mas é o que João Crisóstomo prega: “Chorar suas verdadeiras misérias e confessá-las é criar uma alegria e uma felicidade. Aliás, é permitido gemer sobre os próprios pecados e se alegrar em honra de Jesus Cristo” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 88).

E como rir, sabendo-se que o fim está chegando, o dia do juízo?

Melhor, nessa caminhada, seguir os passos de Jesus: “Onde haveis visto que Jesus vos tenha dado o exemplo? (...) ele chorou!” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 520). O caminho das lágrimas para que sejam lavados na glória de Deus no dia do Juízo. Esse é o caminho apontado por São João Crisóstomo para que o cristão chegasse mais perto de Deus e da Salvação Eterna.

Apesar de tantos trovões, o bispo de Constantinopla tolera certa prática do riso: “O riso não é um pecado; o que é pecado é o excesso, é gastar mal o tempo” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2000, p. 521). Pode-se rir, ele exemplifica, quando reencontra-se um velho amigo ou para tranquilizar quem passa por tribulações, afim de alegrá-la e motivá-la.

Rir-se, mas nunca às largas, como um bufão tolo.

Entrementes

Por fim, cabe ressaltar que, apesar da construção literária de diabolização do riso pelos Pais da Igreja, não podemos pensar que o homem medieval, que vive sob o poder atemporal da Igreja, seja triste e pessimista. Devemos antes refletir que para existirem vozes de repressão sobre determinada prática tida por subversiva, é porque tal vem sendo amplamente difundida entre o povo. Segundo o pensamento bakhtiniano, o riso, expulso do mundo eclesiástico oficial, longe dos muros das abadias, procurou se fortalecer no mundo laico, extraoficial, da festa popular.

Tal proposição apresenta um “maniqueísmo” acintoso sobre a utilização do lúdico, onde a fronteira entre a cultura oficial e a cultura não-oficial está bem definida, não

permitindo que uma penetre na outra. Porém, aceitar essa teoria implica em desconsiderar o testemunho do lúdico na literatura edificante, tal qual aparece na *Ceia de Ciprião*, atribuída de maneira obscura a Zenão, bispo de Verona, no século V a. D.; nos *joca monachorum*, tipo de catecismo jocoso que faz um jogo alegre com a Bíblia de origem Bizantina, compilados muito provavelmente no século VI ou VII a. D.; e nas *Canções de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*, relato musicado dos feitos miraculosos da Santa Mãe de Jesus Cristo, que recorre num sem número de vezes a exemplos cômicos e, em alguns deles é o diabo quem aparece, não aquele inimigo dos homens e eterno opositor do Deus onipotente, mas um ser feio, estranho e bufo, que tanto pode fazer o mal quanto o bem (desde que esse seja consequência do mal feito a outrem), e não desperta no homem medieval nada mais que o riso.

Dessa forma, vemos que a comicidade combatida pelos pais da igreja não é de todo estranho à literatura sacra medieval que compõe a cultura oficial, e assim podemos identificar dois tratos nem sempre semelhantes, dois tipos de atitude diante da comicidade.

A primeira, dos leigos, identificava-se com os princípios da cultura cômica. A segunda, da igreja, valia-se do riso como instrumento pedagógico para aproximar-se do modo de ser e de pensar do povo, visando a supressão de comportamentos considerados inadequados dentro dos códigos de conduta dominantes (MACEDO, 2000, p. 102).

E eis que essa teoria “maniqueísta” do riso sucumbe à invasão do cômico na esfera do sagrado, permitindo até mesmo que os clérigos folguem durante os festejos, que representam um “mundo às avessas”, uma alteração da ordem natural, um retorno ao caos, para que a realidade possa ser rebaixada e renovada. A sociedade medieval, segura de si e de sua identidade, pode folgar em parodiar-se sem medo de sublevação da ordem natural, pois só se faz paródias daquilo que se tem por concreto.

Referências

AGOSTINHO. Três livros em Marcelino sobre a pena e a remissão dos pecados. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Ebooks virtual, 2000. p. 35.

_____. Os três livros contra os acadêmicos. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Ebooks virtual, 2000. p. 5.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BASCHE, Jérôme. Diabo. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O pedagogo*. São Paulo: Ebooks virtual, 2000.

JOÃO CRISÓSTOMO. Comentário sobre a Epístola aos Filipenses. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Ebooks virtual, 2000. p. 88.

_____. Comentário sobre São Mateus. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Ebooks virtual, 2000. p. 51-52.

_____. Comentário sobre a Epístola de São Paulo aos hebreus. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Ebooks virtual, 2000. p. 520-521.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.

MACEDO, José Rivair. *Riso, cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre: Ed. UFRGS; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MARTINS, Mario. *A Bíblia na literatura medieval portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1979.

_____. *A Sátira na literatura medieval portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1986.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ZINK, Michel. Literatura. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.